

**POR QUE NIETZSCHE?
CONSIDERAÇÕES SOBRE A “INSPIRAÇÃO”, A “SUAVIDADE”, A
“EXPERIÊNCIA INTERIOR” E O “EXTREMO DO POSSÍVEL”**

PATRÍCIA BOEIRA DE SOUZA¹; CLADEMIR ARALDI².

¹UFPel – patiboeira@hotmail.com

²UFPel – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em *Ecce Homo*, no capítulo dedicado a *Assim falou Zaratustra*, parágrafo 3, Nietzsche escreve sobre a inspiração – esse estado específico de corpo – e evoca suas sutilezas e o êxtase que a acompanham. Ele começa perguntando, se em seu tempo, ainda se saberia o que poetas de épocas fortes, como menciona, diriam sobre a inspiração. É então a partir de sua própria experiência que descreve a inspiração. Essa passagem nos interessa, de modo mais imediato pelo seu transbordamento. Ao se referir ao êxtase oriundo da potência da inspiração, menciona “a torrente de lágrimas que se desata”, o “abismo de felicidade, onde o que é mais doloroso e sombrio não atua como contrário”, “um instinto para relações rítmicas” em que certa involuntariedade manifesta-o e “as coisas se oferecem como símbolos” (NIETZSCHE, 2017) – além disso, nos interessa, pois, mobiliza um conjunto de outras noções significativas, presentes nos escritos de 1888. Ademais, serve como ponto de conexão com as demais importâncias articuladas neste trabalho a partir de aspectos da filosofia de Anne Dufourmantelle e Georges Bataille, nas suas relações com a filosofia de Nietzsche. Assim, este trabalho busca adentrar nesse território de intensidades e compreender por que Nietzsche ocupa um lugar central como pensador que inspira deslocamentos decisivos em perspectivas mais à margem, mais “malditas” ou mesmo mais sutis.

Primeiro a *suavidade*: como abrir a porta e receber a entrada quente do sol em dias de inverno. A suavidade, que em primeiro plano não é atribuída a Nietzsche, à filosofia de Nietzsche, ou talvez, um pouco a ocultemos (por sua força, por sua animalidade sutil), ou a protegemos – alguns de nós. Outros, apenas não a nomearam, ou menos a encontraram nos meandros de sua obra.

Anne Dufourmantelle no livro *Potências da Suavidade* poucas vezes menciona Nietzsche, mas evoca-o, desde sua filosofia, como participante dessa composição sobre à suavidade. É no capítulo a “Festa dos sentidos” que o pensamento do filósofo se acentua. Poderá Nietzsche ser porta voz da suavidade? Essa é uma das perguntas disparadoras; tentaremos esboçar respostas.

Bataille escreve no livro *A Experiência interior*, capítulo Princípios de um método e de uma comunidade: “É de um sentimento de comunidade me ligando a Nietzsche que nasce em mim o desejo de comunicar, não de uma originalidade isolada” (BATAILLE, 2017) – ou seja, a filosofia de Nietzsche representa uma companhia na terra, justamente, por fazer de estados ardentes, de intensidade, e até mesmo de sofrimentos vividos condições para outros. O sentimento de comunidade evocado por Bataille surge também em outros escritos, como em *Sobre Nietzsche* em que diz que “aquilo que vai longe, exige esforços conjugados” (BATAILLE, 2016). Aqui, evocamos essa passagem no contexto dessas intensidades, dessas sutis aspirações, destinadas muitas vezes ao silenciamento,

ou mesmo tomadas como inapreensíveis, ainda que muitas vezes indomáveis, e que foram por ambos os pensadores destinadas à filosofia.

2. METODOLOGIA

Pesquisa de natureza bibliográfica. Este trabalho adota uma abordagem até certo ponto de desenvoltura ensaística, partindo, mais especificamente da filosofia de Nietzsche e tecendo articulações com textos de Anne Dufourmantelle e Georges Bataille. No caso deste texto, privilegiando passagens em que a dimensão da experiência, da inspiração e da suavidade ganham força e se articulam.

O estudo se realiza a partir de múltiplos aspectos da obra nietzschiana, sobretudo algumas passagens que orientam a reflexão sobre a suavidade, a experimentação e a inspiração em Nietzsche: em *Humano demasiado humano II*, aforismo 332, *As três coisas boas*, da segunda parte de O Andarilho e sua sombra; em *Aurora*, toda desenvoltura do livro V; em *A Gaia Ciência*, livro IV *Sanctus Januarius*, com atenção ao aforismo 289; em *Ecce Homo* a tessitura da inspiração no capítulo sobre *Assim falou Zaratustra*.

A menção à suavidade no contexto de Nietzsche, considerando a articulação com o livro *Potências da Suavidade*, relaciona-se à alegria e a festa dos sentidos; acrescentamos outras noções para pensar as suavidades, tais como a dimensão dos aguçamentos e da experimentação.

Portanto, nossa metodologia consiste em evidenciar ressonâncias, pontos de convergências de “uma possível comunidade”, tomando a experiência filosófica como território de *risco*, partilha e criação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante considerar, no caso do desenvolvimento desta abordagem e mesmo dessa tentativa de evidenciar a presença da filosofia de Nietzsche em territórios outros, que não se trata apenas de assinalar o aparecimento de sua obra, mas sobretudo de destacar ressonâncias e as especificidades que ela mobiliza. No caso deste texto, Anne Dufourmantelle e Georges Bataille surgem como interlocutores de interesse e que atravessam a própria pesquisa de tese – constituindo parte da comunidade, bem como da dimensão dos “esforços conjugados” (BATAILLE, 2017), justamente por darem atenção a sutilezas que muitas vezes são menos visibilizadas por manifestarem intensidades, desenvolturas e agudezas – mas que também promovem ampliação no campo dos conceitos e do fazer filosófico.

4. CONCLUSÕES

Nesse cruzamento de perspectivas filosóficas, responder “por que Nietzsche” no contexto de outros referenciais aqui mobilizados, se justifica pelo foco dado por esses autores e pela maneira como manejam a linguagem ao desenvolver e potencializar aspectos como a suavidade, a festa dos sentidos e o extremo do possível no seio da filosofia de Nietzsche. Esses elementos fazem reverberar não apenas a força de Nietzsche, mas também a abertura que sua obra oferece a leituras que arriscam outros caminhos, revelando a filosofia como território e voz de desenvolturas da suavidade, por exemplo, bem como território de “certa ausência

de repouso que ela (a filosofia) mantém” (BATAILLE, 2017). Que tais considerações, desenvolvidas ao longo desse trabalho, geralmente, mais facilmente reconhecidas, considerando suas temáticas, no campo das artes não permaneçam totalmente à margem, ainda que possam se manter em certo sentido “malditas”. E, nesse sentido que a voz de Pagu pode ser evocada: “meu corpo quer extensão, quer movimento, quer zigue-zagues” (GALVÃO, 2020). Sua frase ressoa então expandido o gesto e desenvoltura desse trabalho. Ou seja, esse “zigue-zague” do corpo, que se estende, movimenta a própria pesquisa na busca de comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

- BATAILLE, G. **A experiência interior – Suma Ateológica I.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BATAILLE, G. **O culpado – Suma Ateológica II.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BATAILLE, G. **Sobre Nietzsche, vontade de chance – Suma Ateológica III.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- DELEUZE, G; GUATTARI F. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2022.
- DUFOURMANTELLE, A. **Potências da suavidade.** São Paulo: n-1 edições, 2022.
- GALVÃO, P. **Autobiografia precoce.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- NIETZSCHE, F. **Aurora.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, F. **Humano demasiado humano I.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- NIETZSCHE, F. **Humano demasiado humano II.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- NIETZSCHE, F. **Ecce Homo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.